

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: Gabriel José Inácio Khalil

E-mail:

gabriel\_khalil@hotmail.com

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Submetido: 15/02/2021

Aprovado: 02/05/2021

Publicado: 11/04/2024

 10.20396/rho.v24i00.8664467

e-Location: e024006

ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

KHALIL, G. J. I.; MAGALHÃES, C. H. F.; SILVA, E. G. da; MELO, M. P. de. “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’” de João Paulo Subirá Medina no movimento renovador e a difícil tarefa de semear no deserto. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 24, p. 1-20, 2024. DOI: 10.20396/rho.v24i00.8664467. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664467>. Acesso em: 11 abr. 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664467>. Acesso em: 11 abr. 2024.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## “EDUCAÇÃO FÍSICA CUIDA DO CORPO E ‘MENTE’” DE JOÃO PAULO SUBIRÁ MEDINA NO MOVIMENTO RENOVADOR E A DIFÍCIL TAREFA DE SEMEAR NO DESERTO

  **Gabriel José Inácio Khalil\***

Universidade Federal do Rio de Janeiro

  **Carlos Henrique Ferreira Magalhães\*\***

Universidade Estadual de Maringá

  **Elizandra Garcia da Silva\*\*\***

Universidade Federal Fluminense

  **Marcelo Paula de Melo\*\*\*\***

Universidade Federal do Rio de Janeiro

### RESUMO

O presente estudo tem como intuito analisar a obra “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’”, de João Paulo Subirá Medina. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Concluímos que caracterizar Medina como um pensador “marxista” foi um erro por parte de autores como Daolio na década de 1990. Os motivos para essa narrativa ter ganhado força são vários, dificuldade de alguns autores em diferenciar o campo crítico do marxismo, influência indireta do marxismo nas formulações de Medina (através de alguns conceitos como totalidade e alienação), momento conjuntural de uma explosão de pensamento crítico possível pela recente abertura democrática e o rápido desenvolvimento acadêmico/científico da Educação Física nos anos 1980/90.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Educação Física. João Paulo Subirá Medina. Educação Física crítica.

**“EDUCAÇÃO FÍSICA CUIDA DO CORPO E ‘MENTE’” FROM JOÃO PAULO SUBIRÁ MEDINA IN THE RENEWING MOVEMENT AND THE DIFFICULT TASK OF SEEDING IN THE DESERT**

**Abstract**

This study aims to analyze the work “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’”, by João Paulo Subirá Medina. For this, a bibliographic search was carried out. We conclude that characterizing Medina as a “Marxist” was an error on the part of authors like Daolio in the 1990s. The reasons for this narrative to have gained strength are several, some authors' difficulty in differentiating the critical field from Marxism, indirect influence of Marxism in Medina's formulations (through some concepts such as totality and alienation), a moment in which an explosion of critical thinking was possible due to the recent democratic opening and the rapid academic / scientific development of Physical Education in the 1980s / 90s.

**Keywords:** Physical Education History. João Paulo Subirá Medina. Critical Physical Education.

**“EDUCAÇÃO FÍSICA CUIDA DO CORPO E ‘MENTE’” DE JOÃO PAULO SUBIRÁ MEDINA EN EL MOVIMIENTO DE RENOVACIÓN Y LA DIFÍCIL TAREA DE SEMBRAR EN EL DESIERTO**

**Resumen**

Este estudio tiene como objetivo analizar el trabajo “La Educación Física cuida el cuerpo y la ‘mente’”, de João Paulo Subirá Medina. Para ello se realizó una búsqueda bibliográfica. Concluimos que caracterizar a Medina como pensador “marxista” fue un error de autores como Daolio en la década de 1990. Las razones para que esta narrativa haya ganado fuerza son varias, la dificultad de algunos autores para diferenciar el campo crítico del marxismo, influencia indirecta de El marxismo en las formulaciones de Medina (a través de algunos conceptos como totalidad y alienación), momento en el que fue posible una explosión del pensamiento crítico debido a la reciente apertura democrática y al rápido desarrollo académico / científico de la Educación Física en los años 80/90.

**Palabras clave:** Historia de la Educación Física. João Paulo Subirá Medina. Educación Física crítica.

## INTRODUÇÃO

A obra “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’”, de João Paulo Subirá Medina, tem sido muito relevante no âmbito da Educação Física. A lenta distensão, a diminuição da repressão estatal aberta e da censura, a volta dos exilados, a reorganização política dos trabalhadores e da juventude em sindicatos, partidos e movimentos sociais trouxeram novas questões para um campo que até então esteve marcado pelos interesses dominantes. Nesse contexto social e político emergiram, em várias áreas do conhecimento, novas produções teóricas, embasadas nas mais variadas matrizes teórico-metodológicas. Esse fenômeno também se expressou na Educação Física, e se expressa na ampliação das produções teóricas da área a partir de fins da década da abertura democrática e especialmente a partir de 1990.

Publicado originalmente em 1983 pela editora Papirus, a obra em tela foi redigida, como informou o autor (Medina, 2010), entre 1981 e 1982. Considerada um clássico, vem promovendo uma reflexão sobre a Educação Física, que contempla as questões sociais e a necessidade de um compromisso político de seus profissionais com o que se chamava de **transformação social**, mesmo que em termos genéricos. No ano de 2010, em sua vigésima quinta edição, passou a contar com três posfácios, redigidos por autores que contribuem com ricas e diferentes visões acerca do legado dessa obra e de que caminho percorre a Educação Física. O livro está atualmente na sua vigésima sexta edição e possui três (3) capítulos. O texto de Medina representa um esforço de parte do campo da Educação Física em superar as bases teóricas e filosóficas marcantes do positivismo biologicista, hegemônico até então, para explicar a Educação Física e entender mudanças, consideradas por ele, como necessárias à ação docente, no contexto de transformações.

Esse trabalho tem como objetivo investigar: Como o pensamento marxista e marxiano aparecem na obra de Medina? Há citações diretas e indiretas? Como ocorre (ou não) a apropriação de algumas categorias e conceitos marxistas e marxianos? Na análise de questões específicas do campo da Educação Física, Medina valeu-se, em 1983, de quais matrizes epistemológicas?

A partir desta apresentação e questionamentos, não queremos minimizar a validade da obra, mas atenuar a pena que recaiu sobre o autor. Do que ficou conhecido como movimento renovador da Educação Física, nos anos 1980 a 1990, o livro “Educação Física cuida do corpo...e ‘mente’” foi, sem dúvidas, a obra mais emblemática e não somente por seu pioneirismo (Hungaro, 2010). Ao mesmo tempo, recaiu sobre toda essa nova produção, um julgo dualista por parte tanto dos defensores dos modais de Educação Física estabelecidos até então, como dos críticos do marxismo, que atribuíam certa hegemonia dessa concepção de mundo nas produções dos anos 1980 do campo. Assim foi sentenciada “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’”.

De início, tínhamos uma hipótese similar a comprovada por José Paulo Netto (1989) ao analisar a presença do pensamento crítico em geral, e marxista, em particular, no campo do Serviço Social brasileiro; de que a ocorrência do pensamento crítico no campo da

Educação Física tratou-se de um marxismo sem Marx. Isso não traz, a priori, nenhum juízo das obras e autores, apenas pretendemos apreender as consequências e desdobramentos de um campo crítico fundado apartado e com breves incursões da tradição marxista e marxiana.

## EDUCAÇÃO FÍSICA E MOVIMENTO RENOVADOR

As mudanças na sociedade brasileira a partir da luta contra a ditadura e ao longo dos anos 1980, por intensificação de um projeto societário mais igualitário, também impactou a Educação Física. É importante que não se considere a oposição à ditadura como um bloco monolítico, pois este era composto por diversas forças políticas e concepções de mundo, incluindo desde comunistas, liberais de esquerda, social-democratas, e mesmo representantes da burguesia que, por diversas razões, haviam saltado da barca dos militares.

O enfraquecimento mais severo da ditadura civil militar no final dos anos 1970- fruto da crise internacional capitalista a partir da chamada crise de petróleo e também da nova configuração das lutas sociais no país, desde o nascente sindicalismo autônomo, movimentos sociais urbanos e rurais- trouxe profundos impactos na organização da luta de classes no país.

O Brasil emerge da ditadura com uma estrutura social muito mais complexa do que entrou. Processos de urbanização e industrialização consolidam-se. Surgem novos sujeitos políticos coletivos; diversos aparelhos privados de hegemonia na sociedade civil, simbolizados em novos partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais de diversos tipos, bandeiras e estruturas. Contudo, embora diversas conquistas tenham sido obtidas ante o projeto/processo de abertura da ditadura, esse processo foi conduzido pelo **alto**, como aponta Coutinho (2000). Essa transição fraca, em que há uma mudança política sem a alteração das bases do projeto de sociabilidade, implicou na ruptura com o regime de exceção, mas com a continuidade de traços constitutivos da dominação burguesa no país. Esse conjunto de elementos foi contribuindo para que a ditadura brasileira iniciasse os anos 1980 em processo de transição, malgrado tal processo ter sido conduzido justamente pelo bloco no poder que a sustentava, indicando mais um exemplo de revolução passiva em terras brasileiras (Coutinho, 2000).

O certo é que derrubada, e/ou apodrecida por suas próprias contradições, chegou ao fim a ditadura em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves à Presidência, ainda que tenha sido seu vice- José Sarney, presidente por muito tempo do partido político da ditadura, o ARENA- que assumiria com a morte de Neves. Também cumpre não esquecer que os anos finais de ditadura brasileira combinam com o início da efetivação do projeto capitalista neoliberal nos EUA e Inglaterra, com Reagan e Thatcher. Na saída da ditadura, enveredamos por densas lutas pela disputa de hegemonia na consolidação e complexificação da sociedade civil e pela apropriação/capacidade de influência do/no aparelho estatal. Esse embate ficou claro durante a Constituinte de 1986/87 (Fontes, 2010).

Nesse contexto, começam a surgir no interior da Educação Física, questionamentos acerca de seu papel político no âmbito das relações sociais capitalistas. Um crescente acúmulo de massa crítica começa a ganhar corpo a partir do início dos anos 1980. A área começa a deparar-se com um conflito interno, expresso, de maneira simplificada, nos embates, de um lado, entre as tendências críticas- do papel do esporte, do corpo, da disciplina curricular- e de outro, dos defensores das concepções biologicistas do corpo- do treinamento esportivo de alto rendimento, do mundo do *fitness* e espetacularização do corpo e do esporte (Coletivo de Autores, 1992).

Esse embate interno do campo da Educação Física não se limitou ao âmbito acadêmico, em especial, pela crescente inserção social de alguns professores nas lutas sociais daquele tempo. Contudo, isso não quer dizer que o conjunto da área tenha sido impactado por esse movimento.

Tal variedade, chegou à Educação Física como uma busca por romper com concepções e práticas, vinculadas não somente à disciplina curricular, mas com toda a área/campo de atuação profissional a um papel de importante colaboração para o não enfrentamento das contradições trazidas pelo projeto societário dominante. O surgimento e uma maior densidade e alcance de um pensamento progressista no âmbito da Educação Física, com alguma incidência- ainda que sempre superdimensionado- na prática pedagógica dos educadores, em diversos âmbitos de atuação profissional, não é compreensível sem levar em conta o contexto da área e do país, a partir da queda da ditadura militar.

Um sopro de renovação atinge o campo com a incorporação de debates diversos sobre a profissão, a inserção enquanto campo acadêmico, a estruturação de uma entidade científica representativa da área (o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte/CBCE), seu papel no sistema educacional e a aproximações com o campo da saúde pública, questionamentos mais orgânicos ao papel do esporte de rendimento na sociedade. Tem início de forma mais sistemática o chamado campo crítico da Educação Física. Usando a nomenclatura do Serviço Social – que passou por processo similar no mesmo período, malgrado características particulares (Netto, 1994) - o chamado **movimento renovador da Educação Física** pede passagem.

Sob forte influência do campo crítico, das ciências humanas em geral, num diálogo mais próximo com campo da Educação- onde diversos professores de Educação Física realizaram seus estudos de mestrado e doutorado- e das Ciências Sociais, a Educação Física passou a ser palco de disputas teórico-políticas, até então pouco presentes na área (Bracht, 1999; Stigger, 2015).

Como emblema desse movimento, alguns autores publicaram obras que foram muito importantes para esse processo. Por importância queremos indicar: a) foram bastante citadas em artigos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses ao longo dos anos 1980 e 1990; b) referências de cursos de graduação e dos nascentes cursos de pós-graduação na área; c) presença em editais de concursos públicos de docentes na educação básica em estados e

municípios e concursos docentes em universidades públicas. Cumpre registrar que muitas obras foram escritas por autores que não tinham 30 anos de idade, em quase todos os casos, em processo de formação intelectual sem a titulação de doutor ainda.

Nominalmente podemos destacar: Vitor Marinho de Oliveira (O que é Educação Física; editora Brasiliense, 1983. Publicação da conhecida coleção Primeiros Passos); João Paulo Subirá Medida (Educação Física cuida do corpo e ‘mente’”. Editora Papirus; 1983); Valter Bracht (1986) (Criança que pratica esporte respeita regras do jogo.... Capitalista). Publicado no livro organizado por Alfredo Gomes de Faria Junior, cujo título é: Fundamentos pedagógicos da Educação Física. vol 2, pela editora Ao livro Técnico (1986); Lino Castellani Filho (Educação Física no Brasil: história que não se conta. Editora Papirus, 1988); Paulo Ghiraldelli Junior (Educação Física Progressista. A crítica social dos conteúdos. Edições Loyola: 1988).

A obra de Medina traz à tona o debate sobre conceitos fundamentais para a construção de uma nova Educação Física, como a essência do ato educativo, alienação e a superação da visão fragmentada do ser humano, como destacou Edson Marcelo Hungaro, em seu ensaio na edição revista e ampliada do livro, lançada em 2010.

A obra “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’” pode ser considerada um clássico. João Paulo Medina trouxe um conjunto de questões que até então apareciam de forma pouco sistemática. Medina procurava encontrar o que chamava de fundamentação da Educação Física de seu tempo, e, ao não encontrar fontes na área, procurou oferecer sua própria contribuição. Como relata na introdução de seu livro, buscou:

[...] durante algum tempo, uma obra que desse fundamentação a chamada "cultura do corpo" e, por consequência, a disciplina educação física, no contexto cultural amplo e dinâmico em que vive a sociedade brasileira. Por não encontrá-la, resolvi estudar o assunto por formas indiretas, desenvolvendo algumas ideias que apresento neste pequeno ensaio (Medina, 2010, p. 15).

E, no exercício de sua reflexão, o autor tinha a pretensão de, com uma perspectiva mais concreta do que seria essa **cultura do corpo**, e ao fundamentá-la sob novas bases, “[...] agitar as consciências daqueles que estão (ou deveriam estar), de certa forma, envolvidos ou preocupados em ampliar as nossas possibilidades como agentes de renovação e transformação do meio em que vivemos” (Medina, 2010, p. 19).

## MEDINA E SEU PARTICULAR MARXISMO

A despeito da imensa contribuição dessa obra para desabrochar de uma produção teórica crítica em geral, e marxista, em particular, no âmbito da Educação Física, não consideramos que este texto de João Paulo Medina possa ser considerado (ou acusado, como veremos) de ser marxista. Mesmo empunhando alguns termos, categorias e conceitos caros

à tradição marxista como revolução, classes dominantes, ideologia dominante foi comum até pela pouca maturidade da área- haver pouca, ou nenhuma menção, aos textos dos fundadores do marxismo e seus maiores expoentes (Lênin, Lukács e Gramsci). Um exemplo disso é quando Medina clama por uma revolução. O mesmo que afirma que:

[...] a nossa cultura está necessitando de uma revolução. Uma revolução que comece com uma "crise". Mas uma crise que, por meio do choque das contradições, amplie nossas possibilidades como humanos. Uma crise que, com o tempo, permite a elaboração de projetos indispensáveis a superação de nossas alarmantes limitações na direção de uma realização existencial e profissional, pessoal e coletiva de maior amplitude (Medina, 2010, p. 17).

No primeiro capítulo, intitulado “A Educação Física precisa entrar em crise”, especificamente no subcapítulo “Mergulhando na totalidade humana”, Medina (1983) expõe uma visão acerca do agir humano, na perspectiva da totalidade, ou seja, qualquer que seja sua função na sociedade, ou como se relaciona socialmente, o indivíduo não pode ser entendido fora do contexto em que está inserido, pois, enquanto influenciamos o meio, somos influenciados por ele, apesar de o autor não utilizar especificamente a categoria da dialética, aqui podemos observar como sua visão caminha nessa perspectiva. Isso é visível quando Medina (2010, p. 50) afirma:

[...] observamos, anteriormente que o homem é um ser por se fazer. Um ser incompleto, inacabado e que só é viável por meio de suas relações com os outros seres e com o mundo. É nesse prisma que o processo educativo se realiza. Nessa linha de raciocínio, poderíamos afirmar que a educação seria um processo pelo qual os seres humanos buscam sistematicamente ou assistematicamente o desenvolvimento de todas suas potencialidades, sempre no sentido de uma autorrealização em conformidade com a própria realização da sociedade. Nas palavras de Saviani (1982, p. 51...), ela seria [...] "o processo de promoção do ser humano que, no caso, significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da comunicação e colaboração entre os homens". Isso ocorre, conforme já foi colocado por diversos pedagogos, por meio de transformações nos níveis de habilidades, conhecimentos e ideais (atitudes) das pessoas. É por intermédio dessas transformações que se atende a grande finalidade da educação como processo: Tornar as pessoas cada vez mais humanas.

A obra “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’” trouxe uma série de problemáticas referentes a Educação Física e muitos desses debates, apesar de mais de 30, quase 40 anos desde sua publicação, infelizmente, ainda são de extrema relevância, o que aumenta o peso e valor desse clássico da nossa área. Como afirma o autor:

Estou consciente que a maioria dos profissionais voltados para as atividades do corpo tem ficado obsessivamente preocupada em arranjar um punhado de procedimentos que permita dar cabo às suas tarefas e sem

tempo para se preocupar em descobrir, de forma crítica, o real sentido de suas ações (Medina, 1983, p. 15).

O autor pontua que todo indivíduo que dependa do seu trabalho para sobreviver vive condicionado a um contexto sociocultural, político e econômico e esse contexto o condiciona. Não podendo, então, ser indiferente a essa realidade, caso seu objetivo seja entender esses processos e transformar, por meio deles, o injusto e o desumano que o afetam. Medina também aponta a consequência de ignorar a totalidade na prática humana, assim, afirma o autor que:

Qualquer que seja a especialidade do homem que trabalha, sua tarefa deve ser percebida na totalidade em que funciona. Caso contrário, torna-se atividade alienante, fazendo que a pessoa que a desempenha se caracterize mais como objeto que como sujeito, dono do seu próprio processo existencial (Medina, 2010, p. 33).

De acordo com o autor, em algumas profissões, mais do que outras, esse processo de percepção do todo, do desvelar do mundo, considerando por meio da interação dos sujeitos com outros sujeitos, se torna ainda mais fundamental, sendo esse o caso do professor e especialmente o professor de Educação Física. Como afirma o autor:

Os profissionais de educação física, quaisquer que sejam suas áreas de atuação, só se realizam na medida em que assumem plenamente seu papel como agente de renovação e transformação. Procuram atingir seus objetivos específicos, mas, ao mesmo tempo, são capazes de auxiliar e abrir novas perspectivas para que cada um e todos sejam donos de seus destinos. Eles devem agir como sujeitos de sua própria história e não como peças de uma engrenagem, determinados a realizar funções específicas em face de uma educação domesticadora e autoritária que chega anestesiar seus anseios de conquista pela liberdade (Medina, 2010, p. 86).

Medina também alerta para a importância de se preocupar com o que chamou de **política**, justamente por perceber que a Educação Física é política. Assim, defende que:

É por essas e outras razões que a política, entendida como instituição de poder constituído – legalmente ou não -, uma vez que exerce influência na maneira de ser dos indivíduos, não pode ficar ausente das preocupações de ninguém. E se é verdade que essa instituição política, por meio dessa estrutura constituída de poder, procura controlar, moldar e preservar a sociedade em todas as suas manifestações, considerando os interesses e as aspirações de seus mandatários, fica claro que é necessário penetrar melhor nesse entendimento para entendermos até que ponto tais interesses e aspirações vão ao encontro daqueles de todas as outras pessoas e grupos que compõem o corpo social da nação (Medina, 2010, p. 33).

Acerca do avanço de consciência da população, Medina (2010, p. 34), defende que “Quando as pessoas começam a notar mais nitidamente essas relações com suas discrepâncias e contradições, vão se tornando mais capazes de atuar a fim de conseguir uma superação desses problemas”. Em sua concepção, à medida que fossem notadas **mais**



**nitidamente** as relações e contradições da sociedade, os cidadãos atuariam na superação desses problemas. A filiação a uma visão crítica de sociedade é incontestável, embora também o seja a distância de uma abordagem marxista ou marxiana. A individualização do processo de tomada de consciência, assim como autogeração desse processo, sem um enfrentamento individual e coletivo às concepções de mundo burguesas, permitem situar essa perspectiva num idealismo de matriz mais hegeliana, que marxiana.

Ao mesmo tempo, podemos notar aproximações com a concepção de mundo marxista e marxiana em outra passagem. Medina afirma que:

A classe dominante, detentora do poder institucionalizado, se satisfaz na medida que consegue manter mais ou menos intacta a ordem social por ela projetada em defesa de seus privilégios. Esta postura é sustentada por toda uma ideologia que procura justificar-se e defender-se de todas as formas (Medina, 2010, p. 34).

A despeito de não caber qualquer cobrança ao autor- ainda mais com acúmulo de quase 40 anos da publicação de sua obra-, não podemos deixar de mencionar a filiação a uma variante do marxismo pouquíssimo dialético. Medina (2010, p. 34) mencionou que a “[...] classe social dominante, detentora do poder institucionalizado [...]” o que nos remete a uma visão totalizante das relações de dominação, sem incorporar as noções de ampliação do Estado de Antônio Gramsci- que estavam disponíveis no Brasil, por meio da tradução dos Cadernos do Cárcere por Carlos Nelson Coutinho pela Editora Civilização Brasileira- e do processo da atuação estatal na realização dos interesses de classes da burguesia. Novamente, sem tratar de qualquer cobrança à Medina, importa não deixar de apontar as consequências e os distanciamentos de uma concepção marxista, como lhe foi imputada.

Essa parca presença de fundamentação marxista- reconhecida como a possível no momento histórico da redação da mesma- não deixe de trazer consequências para as análises. Mesmo sendo digno de nota a menção a “[...] luta desigual entre as diferentes camadas sociais de nossa sociedade consumo”, Medina (1983, p. 31), não esteve livre de uma reconhecida limitação da teoria positivista. Nomear como “sociedade de consumo” uma formação estruturalmente desigual- ainda mais no início anos 1980- é generalizar uma condição estritamente particular. Cumpre registrar que a menção a suposta “sociedade de consumo” é recorrente na obra (Medina, 1983; p. 32, 33, 42).

Como afirma André Malina (2005), apesar a imensa relevância das reflexões trazidas por autores como Medina, na década de 1980, algumas indagações e afirmativas somente resvalavam nas questões mais cruciais. Devemos observar: “[...] nos textos de Oliveira (1983) e Medina (1983), algumas indagações e afirmativas somente resvalam nas questões sociais mais cruciais. Para o interior da área, no entanto, significava um grande avanço. Era uma ampliação da área em termos qualitativos” (Malina, 2005, p. 92).

Vale localizar ainda que Medina claramente se encontrava no campo crítico de pensamento, tinha em seu discurso a consciência acerca das classes sociais e um desejo de

mudar a realidade em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Porém, por si só, não o configura como um marxista.

Essa assertiva passa pelo entendimento de que, sem uma reorganização do trabalho e da vida, que negue a lógica da propriedade privada e tenha uma nova perspectiva de sociedade, que não será uma sociedade capitalista **humanizada**, e sim, uma sociedade capitalista que foi implodida, e, de seus escombros, algo diferente pôde surgir. Certamente requisitar tal propositura de uma formulação de 1983, no campo da Educação Física, seria demasiado auspicioso.

Assumida esta postura teórica, analisamos que Medina parece apresentar características idealistas. No sentido argumentativo acerca dessa análise, lembramos o prefácio, de 1967, o qual Georg Lukács (2003) fez para sua obra, *História e Consciência de Classe*, publicada em 1922.

O filósofo húngaro afirma, em 1967, que sua referida obra, seguiu o idealismo de Hegel e possui um equívoco histórico-filosófico na medida em que equipara a alienação com objetificação. Em suas palavras; “A objetificação é, de fato, um modo de exteriorização insuperável na vida dos homens” (Lukács, 2003, p. 27). Assim o fundamento da objetificação é a práxis humana e não as ideias.

Essa exteriorização do ser social, por meio da práxis, a qual pode acontecer com o trabalho, com a linguagem revela os sentimentos e o pensamento humano. Todavia, essa exteriorização a objetificação, quando coloca em conflito a essência humana com o seu ser social, indicam “[...] os sinais subjetivos de alienação interna” (Lukács, 2003, p. 27).

Ainda nesse prefácio de 1967, Lukács defende a expressão marxismo ortodoxo, lembrando que isso não significa ser acrítico com a teoria de Marx, mas sim ser fiel ao seu método. Cumpre lembrar, que tal menção a ortodoxia no marxismo, teve uma péssima fama, tanto do ponto de vista do stalinismo- ser ortodoxo era repetir sua versão vulgar emanada dos empobrecidos manuais soviéticos- como dos detratores da tradição marxiana, que julgavam o conjunto dessa tradição por suas manifestações mais empobrecidas (Melo, 2011; Netto, 2004). A ortodoxia, defendida pelo pensador húngaro, diz respeito a presença dos elementos centrais dessa rica tradição. Lukács assevera que a categoria da totalidade é de suma importância para Marx e Engels e o idealismo socialdemocrata deixa-a no esquecimento. Essa totalidade é fundada numa relação social em que há luta de classes.

Com efeito, aqueles que analisaram a História da Educação Física na década de 1980 afirmando que predominantemente foi sustentada pelo marxismo incorreram numa séria incoerência. Medina (1983) defendeu que a Educação Física necessitava de uma revolução. O marxismo indica a necessidade de uma revolução nas relações sociais o que exigiria a superação do trabalho alienado, a superação do Estado e a superação do capital como ordenador das relações sociais, ou seja, operar uma revolução na totalidade da existência e não apenas em um campo acadêmico/profissional (Mészáros, 2002).

Expressamente, podemos situar essa concepção idealista quando Medina (1983, p. 20) afirma que posturas conformistas “[...] assumidas são, muitas vezes, apenas uma técnica inautêntica de se relacionar com os outros e o mundo. [...] Pensar numa inversão desta ordem estabelecida em nossa sociedade de consumo parece estar fora de cogitação para a maioria”.

Medina ainda acreditava que as instituições como o Estado podem ser alteradas com a modificação moral do indivíduo, num processo quase que autogerado por decisões dos mesmos sujeitos outrora alienados. Mais expressamente recupera a noção heideggeriana de **ser-no-mundo**. Esse conceito de Martin Heidegger visa refletir se o sujeito existe ou não existe, sua relação com as coisas e com as pessoas. Esse conceito de **ser-no-mundo** é elaborado a partir das condições objetivas da realidade. O **ser-no-mundo** é descrito a partir da elaboração da consciência afirmando que este ser só possui opções significativas tendo liberdade (Martins, 1983). A passagem exata em Medina traz esse conceito é:

[...] constatações deste gênero são intrigantes na medida em que concluímos que aquele a que deveria ser a grande meta do ser humano, ou seja, a de se realizar enquanto um **ser-no-mundo**, é constantemente escamoteada, obstaculizada, cerceada, impedida, driblada, evitada, reprimida, desencorajada. [...] É nessa perspectiva que se torna necessária, antes de mais nada, a nossa determinação em participar desse processo de transformação do homem e da sociedade brasileira. As instituições não mudarão se as pessoas que as constituem não mudarem (Medina, 1983, p. 22).

Medina (1983, p. 23) defende que os seres humanos se diferenciam entre si “[...] fundamentalmente” pelas “[...] possibilidades de suas consciências”, sendo esta entendida pelo autor como “[...] o estado pelo qual o corpo percebe a própria existência e tudo mais que existe”.

Acerca desta categoria, Karl Marx (2004) nos revelou em suas notas manuscritas, de 1844, que ao decompor a sociedade essa terá no seu núcleo duas classes: os proprietários e os trabalhadores sem propriedade. Isso foi afirmado na sua juventude, mais tarde destacará a propriedade dos meios de produção (máquinas, terras) e a propriedade da força de trabalho destacará duas classes os que compram a força de trabalho para produzir mais valia e os que vendem a sua força de trabalho e não produzem mais valia.

Assim, o conceito de liberdade, abordado pela fenomenologia, torna-se idealista na medida em que não possui materialidade. Karl Marx (1991), ao analisar a liberdade na sua obra “O Capital”, afirma que a condição fundamental da liberdade exige a redução da jornada de trabalho. A partir desse conceito de **ser-no-mundo**, Medina afirma que a democracia depende das relações entre as pessoas. Essa afirmação repele a democracia preconizada até por Rousseau a qual exige a igualdade política e igualdade econômica entre os homens.

Podemos destacar outra afirmação do Medina (1983, p. 61) que apresenta seu idealismo. “Não resta a menor dúvida que a Educação Física estará sempre envolvida em

lamentáveis equívocos [...]”. A Educação Física brasileira não cometeu lamentáveis equívocos. Ela possui uma história contraditória, todavia predominantemente conservadora. Um fato que podemos destacar, exposto por Castellani Filho (1988), trata-se das aulas de natação do curso de Educação Física, na UFRJ, na década de 1940 e 1950. A Universidade não possuía piscina para os alunos se apropriarem do conhecimento necessário para ensinar a nadar. Assim, as aulas eram realizadas num clube privado no Rio de Janeiro, em Botafogo, o Guanabara. Esse clube privado, tinha no seu estatuto, que negros não podiam entrar. Desse modo, várias gerações de estudantes negros não se formaram porque não conseguiam concluir essa disciplina. Por mais de uma década, professores da Escola de Educação Física da UFRJ ficaram em silêncio perante essa irracionalidade. Somente com uma greve dos estudantes lideradas, pelo hoje Professor Vinícius Ruas, conseguiu-se do Ministério da Educação, no governo de Juscelino Kubitschek, a verba necessária para a construção do espaço físico necessário na UFRJ para que os estudantes se apropriassem do conhecimento necessário para ensinar a nadar, e, com isso, estudantes negros e negras começaram a se formar em Educação Física na UFRJ. Uma professora considerada um ícone na história da Educação Física, Maria Lenk, professora de natação da Escola de Educação Física da UFRJ considerava-se uma professora técnica (Castellani Filho, 1988), afirmando que não tratava de questões políticas (Castellani Filho, 1988). Nessa época da greve dos estudantes de Educação Física da UFRJ, para que estudantes negros pudessem fazer a aula de natação e se formarem na UFRJ, não encontramos um registro de participação da professora de natação Maria Lenk, contra a atitude racista do clube Guanabara. Esse fato não é um equívoco lamentável. Ele representa o caráter conservador-reacionário predominante na história da Educação Física brasileira, materializado num fato histórico na UFRJ.

O pensamento idealista de Medina, com profundas aproximações com a fenomenologia, conforme destacamos anteriormente, o fez realizar uma crítica às relações de causa e efeito supostamente elaborada por uma **concepção marxista**. Medina (1983, p. 67) afirmou: “[...] há os que até acreditam ser isto absolutamente impossível, afirmando que os nossos condicionamentos não podem ser alterados sem que haja uma mudança radical de fatores “alheios à nossa vontade”. Parece que essa mudança radical consiste na interpretação de que uma mudança radical na infraestrutura da sociedade, provocaria uma alteração na superestrutura da mesma.

Essa concepção marxista, por meio de Althusser, retira do materialismo histórico dialético a capacidade de analisar os fatos pela sua história, observando as múltiplas contradições da realidade por meio da dialética entre singularidades, particularidades e a universalidade (Netto, 1994) a fim de transformar a realidade Marx, Engels e aqueles que aprofundaram seu legado como Lenin, Gramsci, Lukács e Mészáros, nunca estabeleceram relações com a aparência, com o imediato, para indicar tendências de uma conjuntura em transformação social. Todos sabemos, com Marx e Engels (2007, p. 33) que “[...] os homens que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens [...]” em processo, com contradições e sem relação de causa e efeito.

A teoria freiriana tem influência concreta nas formulações de Medina em relação a consciência, que cita diretamente o autor, chegando à conclusão de que somente será possível alcançar o nível mais avançado por intermédio de um projeto coletivo de humanização do próprio homem. Já que esse homem não se constrói individualmente, para somente após esse desenvolvimento se relacionar com o coletivo e a sociedade, esse processo acontece de forma coletiva, de maneira conjunta e permeado por contradições (Medina, 2010).

Ainda considerando a influência freiriana em suas contribuições, Medina, através da intervenção de Moacir Gadotti, na introdução de um dos livros de Paulo Freire, aponta a impossibilidade de dissociação do ato pedagógico e do ato político, bem como salienta que a educação é um ato de conhecimento e conscientização, que por si só não leva uma sociedade a se libertar da opressão.

Gadotti finaliza com sua constatação de que a educação sempre foi um ato político, pois mesmo quem defende a apolítica, está defendendo uma certa política (a da despolitização). “Se a educação brasileira sempre ignorou a política, a política nunca ignorou a educação. Não estamos politizando a educação, ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço das classes dominantes” (Medina, 2010, p. 35).

Se essa é uma formulação extremamente importante hoje, em tempos de **escola sem partido** e discursos pautados no senso comum de doutrinação ideológica **esquerdistas** em salas de aula, em 1983 era algo corajoso e avançado. Não devemos esquecer que a narrativa dominante **vende** também a Educação Física como apolítica. Acerca de uma nova perspectiva sobre a Educação Física, Medina comenta:

[...] para ser legítimo, tem que ser necessariamente um projeto coletivo. (Não seria esta participação a base para uma revolução?). E nesse sentido é preferível até que seja um projeto coletivo cheio de contradições, ao invés de um projeto coerente, mas individual (Medina, 1983, p. 15).

Sobre a citação acima, é um dos motivos pelo qual, mesmo não sendo marxista, Medina ainda se encontra no campo crítico da Educação Física, ele não se furta de fazer as críticas ao sistema, bem como se preocupa em coletivizar a tarefa de provocar a mudança na área.

João Paulo Subirá Medina (1983, p. 46) realiza uma corajosa citação indireta de Marx- buscada num trabalho de Rubem Alves, de 1979, em um debate sobre a relação sujeito, sociedade e natureza. A menção exata é: “[...] a este respeito, os trabalhos de Karl Marx foram bastante expressivos. Ele valorizou definitivamente o papel social do homem e percebeu seu vínculo com a natureza, chegando a afirmar até que ‘a natureza é o corpo inorgânico do homem’” (Medina, 1983, p. 46).

Após essa brevíssima menção, o fundador do marxismo não volta a aparecer no texto de Medina. Isso gera desdobramentos na definição do que o autor chama de Educação Física Revolucionária. Segundo Medina trata-se da:

[...] a arte e a ciência do movimento humano que, através de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos renovando-os e transformando-os no sentido de sua autorrealização e em conformidade com a própria realização de uma sociedade mais justa e livre. Os adeptos desta ideia são, portanto, verdadeiros agentes de renovação e transformação da sociedade. [...] Não pretendem, contudo, reduzir todo o processo existencial ao econômico ou ao político (Medina, 1983, p. 81).

Medina defende que a Educação Física precisa de uma revolução iniciada com uma crise. Obviamente se exime da apreensão da revolução no sentido de luta pela apropriação dos meios de produção pela classe trabalhadora, também não fala sobre como a organização do trabalho influencia diretamente na produção e reprodução dessa cultura, além de não comentar em momento nenhum do livro que uma nova Educação Física, que trabalhe no processo de humanização da sociedade, estaria diretamente ligada a uma nova organização do trabalho, possibilitado pela coletivização dos meios de produção. Apesar de usar termo “revolução”, buscava-se uma mudança do campo da Educação Física pautada à época pelas chamadas práticas tecnicistas pautadas em raízes militares e higienistas (Medina, 1983, p. 81).

## **POR QUE A OBRA DE MEDINA FOI ACUSADA DE SER MARXISTA?**

Envidando esforços no sentido de compreender as obras daquela época, Jocimar Daolio (1997, p. 1) abre sua tese, na primeira frase, indicando que seu objetivo foi “[...] analisar a construção do debate acadêmico da Educação Física brasileira, sobretudo na década de 80, quando ocorreu uma proliferação de discursos científicos na área”. Segundo o autor Daolio (1997, p. 1), “[...] o acirramento de determinadas posições” - reveladas ao longo do trabalho, mas não aqui na introdução - “[...] chegando algumas vezes a tornar impossível a convivência de pessoas representantes de linhas teóricas diferentes. O que era para ser um saudável debate acadêmico, transformou-se em disputa por espaço no terreno científico da Educação Física”.

Analisando o movimento de crítica surgido na Educação Física brasileira nos anos 80, Caparroz (1996) conclui que, se por um lado, houve avanço no sentido de compreender a área sob outras formas além da perspectiva biológica, por outro, operou um certo reducionismo de análise, ao vincular de forma mecânica a relação entre Educação Física e sociedade. Esse reducionismo teria gerado, segundo o autor, dois fenômenos. O primeiro foi que, dentre os intelectuais do movimento renovador, constituiu-se uma visão predominante em relação ao modo de refletir sobre a área. O segundo foi a ausência de interlocução entre posições diversas, já que não havia predisposição para o debate acadêmico, apenas para o político. E quando o debate acontecia, nem sempre ocorria de forma sensata e coerente. O

autor chega a definir como um ‘diálogo de surdos’ (p. 38) o debate da Educação Física nessa época (Daolio, 1997, p. 35).

Mais à frente, o autor volta a apresentar seu objeto e as particularidades de seu recorte. Daolio (1997, p. 25) defendeu que buscaria realizar o que chamou de “[...] uma etnografia dos pensamentos científicos que existem atualmente na Educação Física brasileira”. Com isso, Daolio (1997, p. 24) anunciou a realização de entrevistas com os autores emblemáticos dos anos 1980 com vistas a apreender “[...] qual a lógica interna de seus pressupostos e de seus conteúdos, lógica esta que fornece organização e coerência à cada um dos discursos acadêmicos”. Daolio (1997) de início descarta identificar-se com alguma tendência, a ponto de afirmar não pretender:

[...] eleger o discurso mais coerente ou mais operacionalizável, mas apresentar a forma como cada um deles constrói determinados conceitos, que estão relacionados a valores mais gerais, como visão de mundo, papel da cultura, objetivos do homem, modelo de sociedade, através de uma teia de significados - para usar o termo cunhado por Geertz constantemente atualizada e expressa por cada tendência, dando, assim, sentido a ela (Daolio, 1997, p. 25).

Essa tentativa de **neutralidade**, por parte de Daolio (destacado por sabermos que a neutralidade, de fato, não existe) era fundamental à época, pois como o autor descreve em sua tese, o momento de debates acalorados se dava por uma série de motivos conjunturais:

O fato é que, a partir dessa obra de Medina, passou a haver uma proliferação de discursos de ordem mais política sobre a Educação Física, fruto também da crescente formação de mestres na área, da criação de núcleos e grupos de estudos, do surgimento de revistas e entidades. A própria redemocratização do país, com o fim do regime militar, contribuiu para esse novo tipo de atuação. Além de um movimento de renovação da Educação Física expresso pela Psicomotricidade ou pelo Humanismo de Oliveira ou de Freire, agora havia a explicitação da crítica aos condicionamentos históricos da educação e da sociedade. Se a preocupação restringia-se ao desenvolvimento das relações interpessoais, à autoestima, à autoconfiança e aos aspectos motivacionais do indivíduo, agora a intenção era atuar na Educação Física de modo a contribuir para a transformação da sociedade, numa perspectiva mais ampla, superando o capitalismo e instaurando o socialismo (Resende, 1992) (Daolio, 1997, p. 34).

Desse modo Daolio (1997) a partir de sua epistemologia relativista analisa a histórica da Educação Física da década de 1980 afirmando ter sido esse momento histórico com uma predominância “epistemológica” marxista nessa prática pedagógica, sem considerar os aspectos idealistas e fenomenológicos que predominavam em Medina (1983).

A tese de doutoramento de André Malina (2005, p. 23) teve como “[...] objetivo do estudo: - Investigar possibilidades e limites da concepção de Educação Física nos anos 1980”. Mais expressamente, Malina (2005) nomeou como questão a serem investigadas as

seguintes: “Quais eram as circunstâncias histórico-políticas de época? - Quais são as relações existentes entre o grupo social atuante na área da Educação Física e a totalidade social, nos anos 1980?”. O autor ainda atribui como relevância de sua tese o fato de que, a despeito da profusão de estudos sobre a temática seriam “[...] necessárias novas abordagens, tendo em vista a elucidação dos processos e conclusões sobre a real importância dos anos 1980 para o desenvolvimento da Educação Física” (Malina, 2005, p. 23).

Nos debates que sucederam o movimento renovador dos anos 1980, os trabalhos e livros publicados por alguns autores acabavam conectando pensamento crítico ao pensamento e teoria marxista como sendo iguais ou invertendo a lógica do processo. Dentro do pensamento crítico existem várias vertentes, uma delas é a marxista, mas o que vem sendo dito é o contrário, ou seja, que o pensamento marxista é o que da base ao pensamento crítico. Como já foi observado por André Malina (2005, p. 18):

Já Hugo Rodolfo Lovisolo, docente na UGF, desenvolveu um estudo entre 1991 e 1994, publicado em 1995 em forma de livro, cujo título é “Educação Física: A Arte da mediação”. Com grande repercussão na área de Educação Física, o livro traz latente a discussão sobre a identidade da Educação Física. O principal campo de oposição, eleito por Lovisolo (1995), é o marxismo na Educação Física. A crítica feita é tão violenta quanto inconsistente. Um pouco pela falta de argumentos e conhecimentos específicos da área (especialmente sua tradição e momento históricos) e outro pouco por confundir pensamento crítico com marxismo, ou seja, atribuir qualquer pensamento que se proponha crítico como procedente do pensamento marxiano. Dessa forma, os anos 1980 entram como objetivo secundário, até mesmo aparentemente esquecido inicialmente. Para ele, o marxismo é uma corrente que domina o aspecto cientificista dentro da Educação Física. Um marxismo que o autor considera ruim, exemplificado (aí aparecendo às referências buscadas pelo autor, os anos 1980) pelo livro de João Paulo Subirá Medina (apesar de ser discutível considerar este autor marxista) sobre o corpo.

Essa formulação de Malina sobre a posição de Lovisolo acerca da obra de Medina indica, além do antimarxismo do autor argentino-carioca, também uma atribuição apressada de que Medina estaria filiado a essa tradição ideopolítica.

A última frase da referência acima demonstra algumas questões acerca da importância do debate travado aqui, primeiramente demonstrando que alguns autores influentes na década de 1990 (momento de debates que sucedem a época em que Medina escreve o livro que estamos estudando) não conseguiam entender o pensamento marxista. Segundamente que não conseguiam diferenciar o mesmo do pensamento crítico e em terceiro que Medina foi taxado de marxista (e não foi o único) mesmo esse podendo não ser o caso, como Malina salientou em sua tese. Se era o caso ou não, até o momento em que sua tese foi publicada Malina não obteve essa resposta por nenhum outro trabalho e até hoje essa lacuna se faz presente na área, o que de certa maneira, contribui para a perpetuação do senso comum acerca do que é marxismo, pensamento crítico e como isso se relaciona com Educação Física.



Essa questão se demonstra ainda mais em evidencia quando percebemos autores do próprio campo crítico que não conseguiram distinguir entre o pensamento marxista e o pensamento crítico, como podemos observar no trabalho de Jocimar Daolio (1997, p. 37):

Nota-se claramente a proximidade das classificações de Medina (1983) e Castellani Filho (1988). Ambas culminam com uma terceira tendência, na época ainda a ser consolidada, de cunho revolucionário, com inspiração marxista, enfatizando os níveis histórico, social e político. Ora, o próprio estabelecimento de classificações já implica, e não poderia ser diferente, uma determinada leitura crítica das correntes, já que qualquer autor possui valores que o fazem optar por uma corrente e, a partir dessa posição privilegiada, criticar as outras. Na verdade, estávamos diante de um sólido grupo de intelectuais que começava a se alinhar em torno das ideias de Karl Marx. Esse grupo se opôs de forma contundente ao denominado "reducionismo", tanto biológico quanto psicológico, como pode ser constatado nas classificações da Educação Física brasileira de Medina (1983) e de Castellani Filho (1988). Segundo Lovisolo (1995), o marxismo constitui-se na corrente dominante na atual Educação Física brasileira.

A acusação muitas vezes sofrida por Medina de que sua obra estivesse radicada no pensamento marxista é infundada. Os motivos para essa narrativa ter ganhado força são vários, dificuldade de alguns autores em diferenciar o campo crítico do marxismo (Lovisolo sendo um óbvio exemplo), influência indireta do marxismo nas formulações de Medina (através de alguns conceitos como totalidade e alienação), momento conjuntural de uma explosão de pensamento crítico possível pela recente abertura democrática e o rápido desenvolvimento acadêmico/científico da Educação Física nos anos 1980 e 1990.

## CONCLUSÃO

É seguro afirmar que essa obra de Medina não foi fundamentada na teoria marxista e marxiana, mesmo com a presença de alguns conceitos e termos caros a essa tradição ideopolítica. Isso em nada infirma sua imensa relevância para o campo da Educação Física. Suas formulações realizadas nos primeiros anos da década de 1980 foram de uma coragem incrível. Naquele momento podemos falar que Medina semeava no deserto, que apesar dos imensos percalços, frutificaram. Marcelo Hungaro (2010), em seu posfácio a obra aqui analisada, trouxe algumas questões levantadas por Medina que possuíam grande potencial de desenvolvimento a partir do marxismo. Vamos a sua síntese:

1. Medina faz um 'diagnóstico do Estado de miséria das consciências' e da necessidade de superá-lo. Sua análise fundamenta-se no suposto de que o 'estado de miséria das consciências' se deve, fundamentalmente a alienação. Esse, Apesar de importantíssimo, é um conceito da tradição marxista que anda em descrédito no debate acadêmico protagonizado pela crítica pós-moderna. [...] (Hungaro, 2010, p. 151).

2. Essa compreensão que coloca em dúvida a existência da alienação afeta diretamente a essência do ato educativo - temática proposta por Medina e que alimentou o 'projeto de intenção de ruptura' -, pois, nessas condições, o que seria fazer que o educando acendesse do 'senso comum a consciência filosófica' (tarefa da educação, segundo Saviani, e 'incorporada' por Medina, em sua obra)? (Hungaro, 2010, p. 152).

3. Afeta a, também, a necessidade, pontuada por Medina, de superação de uma visão fragmentada da realidade humana, pois esta demandaria uma compreensão de totalidade que, segundo os pós-modernos, está cancelada: a totalidade é irracional - escapa a razão. Estas duas temáticas - da essência do ato educativo e da superação da fragmentação do ser - trazidos pela obra de Medina encontram sustentação em preceitos modernos, cuja base fundamental é Marx. Para o Pensador alemão, a realidade é uma totalidade relacional (em que tudo está relacionado) e processual (em constante transformação) e pode ser racionalmente apreendida intencionalmente modificada pelo homem. Ou seja, o conhecimento sobre a nossa condição existencial é fundamental para uma intervenção sobre a realidade. [...] (Hungaro, 2010, p. 153).

A despeito de sua imensa relevância e contribuição ao campo crítico da Educação Física não houve, por parte de Medina, uma apropriação do pensamento marxista nessa obra. Isso pode ter sido motivado por diversos elementos dentre eles, a pouca presença no pensamento marxista no percurso formativo de um egresso da Educação Física no final dos anos 1970, escassa relação até então do campo da Educação Física com a tradição marxiana. Em nada diminui a importância da obra e algumas questões abordadas ainda são atuais como, por exemplo, a alienação, a essência do ato educativo e visão fragmentada da realidade humana.

Já acerca da sentença cumprida por Medina por sua possível filiação ao marxismo, sugerimos que seja revisada. O marxismo não se constitui enquanto embasamento teórico e metodológico de tal estudo do autor. Foi possível constatar, a partir do estudo da mesma, o acesso a leituras secundárias do marxismo, a apropriação de alguns poucos pressupostos, e a apropriação de categorias, de forma pouco aprofundadas, o que nos levaria a absolver Medina de sua pena, caso analisássemos este estudo àquela época e como síntese das contradições daquela época, ou seja, foram escritos possíveis no contexto do seu tempo e provado em sua validade histórica na Educação Física brasileira.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, V. A criança que pratica esportes respeita as regras do Jogo. Capitalista. *In*: FARIA JUNIOR, A. G. (coord.). **Fundamentos pedagógicos da Educação Física**. Rio de Janeiro: Editora: Ao Livro Técnico, 1986. p. 180-190. V. 2.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência**: cenas de um casamento infeliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: PAPIRUS, 1988.

COLETIVO DE AUTORES: metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

COUTINHO, C. N. **Contra corrente**: ensaios sobre democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000.

DAOLIO, J. D. **Educação Física brasileira**: autores e atores da década de 80. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV: UFRJ, 2010.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física progressista**. São Paulo: Loyola, 1988.

HUNGARO, E. M. A Educação Física e a tentativa de “deixar de mentir”: o projeto de “intenção de ruptura”. In: MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. 25. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

KHALIL, G. J. I. **Educação Física cuida do corpo e mente de Joao Paulo Subirá Medina**: marxismo sem Marx e a difícil tarefa de semear no deserto. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MALINA, A. **Possibilidades e limites ou o máximo de consciência possível - a Educação Física nos anos 1980**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, 2005.

MARTINS, J. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosófico**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. Livro III.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã e seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas: Papyrus, 1983.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. 25. ed. Campinas, SP: Papirus; 2010.

MELO, M. P. **Esporte e dominação burguesa no século XXI**: a agenda dos organismos internacionais e sua incidência nas políticas de esportes no Brasil de hoje. 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

NETTO, J. P. **Ditadura e serviço social**. São Paulo, Cortez, 1994.

NETTO, J. P. **Marxismo impenitente**: contribuições à crítica das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

NETTO, J. P. O Serviço Social e a tradição marxista. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 30, p. 89-102, 1989.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação Física?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

STIGGER, M. P. (org.). **Educação Física + humanas**. Campinas: Autores Associados, 2015.

#### **AUTORIA:**

\* Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador Independente. Contato: gabriel\_khalil@hotmail.com

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professor associado da Universidade Estadual de Maringá. Contato: chfmagalhaes@uem.br

\*\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Professora associada do Instituto de Educação Física e da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Contato: elizandragarcia@hotmail.com

\*\*\*\* Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor na Escola de Educação Física e Desportos e da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: marcelaomelo@gmail.com

#### **COMO CITAR ABNT:**

KHALIL, G. J. I.; MAGALHÃES, C. H. F.; SILVA, E. G. da; MELO, M. P. de. “Educação Física cuida do corpo e ‘mente’” de João Paulo Subirá Medina no movimento renovador e a difícil tarefa de semear no deserto. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 24, p. 1-20, 2024. DOI: 10.20396/rho.v24i00.8664467. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664467>. Acesso em: 11 abr. 2024.